
MULHERES NEGRAS E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Rosângela Malachias¹

Com uma narrativa pessoal e impessoal, este artigo apresenta o AFRODIÁSPORAS Núcleo de Pesquisas sobre Mulheres Negras, Cultura Visual e Educomunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Baixada Fluminense (UERJ-FEBF), município de Duque de Caxias, RJ, Brasil. O núcleo ainda é um “bebê”, filho ou filha do PROMOVIDE - Programa Movimentos Sociais, Diferenças e Educação, lançado em outubro de 2016 refutando estereótipos e crenças coloniais, que ainda aparecem no currículo da educação formal e na mídia hegemônica. A interface Comunicação e Educação nas relações étnico-raciais e de gênero, estudos de mídia, educomunicação e práticas de advocacy são escolhas teóricas e qualitativas para o desenvolvimento de conhecimento antirracista.

Palavras chave: AFRODIÁSPORAS – Pesquisa – Mulheres Negras – Interface Comunicação e Educação.

Black Women and the production of knowledge at pandemic time

Using personal and unpersonal narrative, this article introduces the AFRODIÁSPORAS Research Center on Black Women, Visual Culture, and Educommunication in Urban Peripheries at the Rio de Janeiro State University College of Education from Baixada Fluminense (UERJ-FEBF), Duque de Caxias city, RJ, Brazil. AFRODIÁSPORAS is still a “baby”, son or daughter of PROMOVIDE – Social Movements, Differences and Education Program, launched in October 2016 refuting stereotypes and colonial beliefs that still appear on the curriculum of formal education and in hegemonic media. The Communication and Education interface in ethnic-racial and gender relations, media studies, educommunication, and advocacy practices are theoretical and qualitative choices to develop antiracist knowledge.

Key-words: AFRODIÁSPORAS – Research - Black Women – Interface Communication and Education.

Las mujeres negras y la producción de conocimiento en tiempos de pandemia

Utilizando una narrativa personal y no personal, este artículo presenta el Centro de Investigación AFRODIÁSPORAS sobre Mujeres Negras, Cultura Visual y Educomunicación en Periferias Urbanas de la Facultad de Educación de la Universidad Estatal de Río de Janeiro de la Baixada Fluminense (UERJ-FEBF), ciudad de Duque de Caxias, RJ, Brasil. AFRODIÁSPORAS es todavía un “bebé”, hijo o hija de PROMOVIDE - Programa Movimientos Sociales, Diferencias y Educación, lanzado en

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ-FEBF). Pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP/nPeriferias).

octubre de 2016 refutando los estereotipos y creencias coloniales que aún aparecen en el currículo de la educación formal y en los medios hegemónicos. La interfaz de Comunicación y Educación en las relaciones étnico-raciales y de género, los estudios de medios, la educomunicación y las prácticas de promoción son opciones teóricas y cualitativas para desarrollar el conocimiento antirracista.

Palabras clave: AFRODIÁSPORAS - Investigación - Mujeres negras - Interfaz de comunicación y educación.

É imprescindível historicizar que este ensaio foi redigido no mês de junho de 2021, quando 516 mil mortes por covid 19 ocorreram no Brasil e, com certeza, quando o texto for lido, o número de óbitos será ainda maior, visto que a ausência de vontade política do governo federal retardou², ao máximo, a compra e distribuição de vacinas.

Desde o início da pandemia, em 2020, dados estatísticos confirmam que a população negra (composta por pessoas identificadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como pretas e pardas) é a que mais se contamina e morre pelo corona vírus. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas, fato que decorre das desigualdades sociais (IBGE, 2020) inerentes ao racismo estrutural e institucional vigente no país.

O estilo narrativo já se consolidou como método empregado por sua autora em diferentes publicações³, pois o texto transita entre duas pessoas verbais e as/os leitoras/es observarão, tanto a impessoalidade cabível à artigos e papers analíticos (terceira pessoa/Ela), quanto o emprego da primeira pessoa do singular (Eu), alusiva às considerações específicas da coordenação pedagógica e executiva de um grupo de pesquisa. O trabalho coletivo é identificado na primeira pessoa do plural (Nós), quando juntas relatamos, descrevemos, analisamos as decisões e/ou ponderamos sobre temas, que compõem as pesquisas da equipe, composta por Docentes-Pesquisadoras-Negras, as quais, a despeito de suas agendas individuais, repletas de trabalho (exacerbado durante a

² "O Brasil teria condições de ter uma oferta muito maior de vacina se nós tivéssemos feito o que outros países fizeram, como, por exemplo, o Chile. (...), disse Gonzalo Vecina Neto, professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e fundador da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. [...] Tanto Gonzalo Vecina Neto quanto a epidemiologista Ethel Maciel dizem que o primeiro e maior erro foi o governo federal não comprar vacinas antecipadamente, ainda em 2020." (PASSARINHO, Nathalia – BBC Brasil em Londres - 3 erros que levaram à falta de vacinas contra covid-19 no Brasil – 23 de fevereiro da 2021).

³ Malachias (2009; 2018; 2020).

pandemia Covid 19) dispuseram-se a dialogar pedagógica e interculturalmente intercambiando ações e compartilhando conhecimento.

O ponto de encontro dessa equipe é ainda criança, pois nasceu em 2016. Trata-se do AFRODIÁSPORAS Núcleo de Pesquisas sobre Mulheres Negras, Cultura Visual, Política e Educomunicação em Periferias Urbanas, que integra o PROMOVIDE – Programa Movimentos Sociais, Diferenças e Educação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias.

Antes de apresentar fragmentos dos diálogos em curso neste núcleo de pesquisa, faz-se necessária a contextualização, mesmo que breve e seletiva, pois há muito a relatar, mas aqui fizemos uma síntese de estudos das relações étnico-raciais e a participação das mulheres negras com ênfase no ativismo consolidado no final da década de oitenta.

Mulheres Negras e demandas históricas e contemporâneas

A periodização da mobilização política e intelectual das mulheres negras, em prol de políticas públicas antecede o ano de 1988, quando a Constituição Brasileira foi promulgada. Todavia, para facilitar a compreensão dos(as) leitores(as), este ensaio apresenta uma breve síntese de fatos relevantes ocorridos nas décadas anteriores, alusivos aos estudos étnico-raciais e à mobilização do Movimento de Mulheres Negras tentando identificar suas demandas e intervenção.

As pautas produzidas ao longo das décadas sofreram mudança discursiva e metodológica contribuindo para a produção de indicadores e formulação de políticas públicas de inclusão. Após a abolição (1888), o discurso científico nacional prioriza o meio físico/geográfico e a raça. Autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna expressam essa linha em suas produções. A mestiçagem torna-se sinônimo da degenerescência e o branqueamento, um ideal a ser alcançado. Todavia, na década de 1930, a linha culturalista elaborada por Gilberto Freyre se contrapõe à visão de Nina Rodrigues, que sempre foi contrário à miscigenação. Freyre, por sua vez, considera harmoniosa, a formação populacional brasileira resultante dos povos indígena, português e africano.

Para o entendimento desse ideário, Freyre demonstra que a escassez de mulheres brancas obrigou a criação de “zonas de confraternização” entre senhores e escravos. A violência física e psicológica está presente nessa relação entre “cavalheiros desiludidos e sádicos com passivas meninas escravas” e a miscigenação propiciou a modificação e

diminuição da “distância social entre a casa grande e a senzala.” (HANCHARD:1995, p.208). O pensamento de Freyre embasa e de certo modo perpetua no país e no exterior, o mito da “democracia racial” brasileira.

É importante visibilizar que a “passividade” expressa por Freyre e pinçada como referência pelo historiador afro-americano Michael Hanchard, sob análise feminista desta autora, pode representar a resistência, pois qualquer ato de enfrentamento que uma mulher faz mediante o estupro pode também significar a sua morte.

Angela Davis, ao escrever sobre o “legado da escravidão: parâmetros para a uma nova condição da mulher” (2016) nos Estados Unidos salienta como autores que reportam o período fazem análises generalizantes:

As discussões incessantes sobre sua “promiscuidade sexual” ou seus pendores “matriarcais” obscureciam, mais do que iluminavam, a situação das mulheres negras durante a escravidão. Herbert Aptheker continua sendo um dos poucos historiadores a tentar criar um alicerce mais realista para a compreensão da mulher escrava. (DAVIS, 2016, p.15).

Outra consideração refere-se à mulher branca, também oprimida pelo homem, senhor e marido, em menor escala, se comparada às mulheres negras. Nas classes dominantes, o seu papel era o de procriadora legal e a sua vida restringe-se a administração do lar (limpo por mãos negras) reproduzindo, muitas vezes, os valores patriarcais tanto em relação a si própria, quanto na sua relação com as demais pessoas. Isso não significa a inexistência de uma resistência concretizada na luta individual de mulheres, que assumiam (inclusive nos períodos colonial e imperial) uma postura dissidente às normas sociais estabelecidas. Também não as isenta de ações de violência contra pessoas escravizadas e da exploração trabalhista das empregadas domésticas, como relação naturalizada no século XX.

Contemporâneo a Freyre, Caio Prado Júnior analisa o sentido da colonização com enfoque econômico estruturado no tripé latifúndio, monocultura e trabalho escravo. A visão de Prado Jr será, no início dos anos oitenta, fortemente criticada pela intelectual negra e feminista, Lélia Gonzalez (1983: p.230-235), pois, para ela, o historiador reduz o protagonismo da mulher negra à função de objeto sexual. A autora produz análises sobre os demais papéis atribuídos às mulheres negras, como o de mulata exportação no carnaval e o de Mãe Preta, que cria os filhos dos brancos. Os núcleos familiares em diferentes

lugares do Brasil, do Caribe e dos Estados Unidos vivem essa realidade: a matrifocalidade⁴ como característica comum às famílias negras.

A ampliação do papel das mulheres negras, reivindicada por Lélia Gonzalez aparece no depoimento do falecido jornalista e ativista José Correia Leite, que, em meados do século XX, funda o Clarim e Clarim da Alvorada, publicações que integram o rol de jornais publicados pela comunidade negra paulista. Segundo Correia Leite, em entrevista gravada e transcrita (1989) por Cuti (1989), tanto a Imprensa Negra, quanto a Frente Negra Brasileira (1930-1937) recebiam auxílio financeiro das mulheres negras, que trabalhavam como cozinheiras e cujos salários, na época, eram os melhores no âmbito da comunidade negra.

No período pós-abolição, as mulheres negras na cidade de São Paulo tornaram-se ‘arrimo de família’, uma vez que os homens negros eram preteridos do mercado de trabalho, em favorecimento ao acesso dos homens brancos, imigrantes europeus, que ficavam com as vagas. Graças às mulheres negras, era possível produzir os informativos, posteriormente, distribuídos nos salões de bailes, frequentados exclusivamente por negros. Eram patrocinadoras e de certo modo mecenas⁵ da Imprensa Negra Paulista.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) fundado em 1944 pelo intelectual, ativista e posteriormente senador da República, Abdias Nascimento (1914-2012) ganha notoriedade. A companhia tem como estrela, Ruth de Souza (1921-2019), a primeira atriz brasileira indicada a um prêmio internacional de cinema (o Leão de Ouro de 1954, em Veneza) por sua atuação em *Sinhá Moça* (1953). É ela quem escreve, em nome do TEN, para Eugene O’Neill, autor da peça *The Emperor Jones*, solicitando autorização para a encenação da mesma no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1945. Em resposta o dramaturgo diz:

*You have my permission to produce The Emperor Jones without any payment to me, and I want to wish you all the success you hope for with your Teatro Experimental do Negro. I know very well the conditions you describe in the Brazilian theatre. We had exactly the same conditions in our theatre before The Emperor Jones was produced in New York in 1920 (...)*⁶(WOORTMANN: 1987, p.224-225))

⁴ A mulher negra é o centro e guia dos “pobres livres” (WOORTMANN: 1987, p.224-225).

⁵ Pessoa ou entidade que patrocina financeiramente um artista, instituição ou evento cultural.

⁶ Tradução livre: "O senhor tem a minha permissão para encenar "O imperador Jones" isento de qualquer direito autoral, e quero desejar ao senhor todo o sucesso que espera com o seu Teatro Experimental do Negro. Conheço perfeitamente as condições que descreve sobre o teatro brasileiro. Nós tínhamos exatamente as mesmas condições em nosso teatro antes de O imperador Jones ser encenado em Nova York em 1920 (...) In: (NASCIMENTO, 2004, p.5).

O fim da 2ª Guerra Mundial (1945) e a criação em 1948 da Organização das Nações Unidas marcam o período. Em 1948, Ruth de Souza ganha uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller para estudar na Howard University, uma das mais importantes instituições negras de ensino superior dos Estados Unidos, fundada em 1867.

A UNESCO promove, no pós-guerra, estudos que pudessem evidenciar a inconsistência das teorias racistas vigentes na Europa propiciaram uma nova fase dos estudos étnico-raciais no Brasil. O pesquisador francês Roger Bastide, financiado pela UNESCO, coordena uma ampla pesquisa sobre Preconceito Racial em São Paulo (1952) em parceria com o sociólogo Florestan Fernandes. A constatação das desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros abrem, na Universidade de São Paulo, campo à pesquisas sobre o segmento negro.

Porém, a participação significativa de uma mulher negra para o sucesso das pesquisas UNESCO foi por décadas silenciada e invisibilizada. Trata-se de Virgínia Leone Bicudo, que integrou a equipe UNESCO comandada por Bastide e protagonizada por Fernandes. Bicudo realizou entrevistas com milhares de crianças e famílias negras desvelando, nos anos 1950, que a democracia racial brasileira era uma falácia. O preconceito racial objetivamente impedia a ascensão social das pessoas negras. (SCHECHTER & VIDAL, 2020). Bicudo redigiu os estudos “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945) e “Atitudes de Alunos de Grupos Escolares em Relação com a Cor dos seus Colegas” (1955). A “socióloga, visitadora psiquiátrica e psicanalista negra” foi ainda precursora da Psicanálise no Brasil (GOMES, 2013).

A Escola Paulista se consolida nos anos 1960 sendo formada por jovens pesquisadores, coordenados por Florestan Fernandes, Virgínia Leone Bicudo não é citada, mas como muitas mulheres negras, se reinventa, muda de área e se torna psiquiatra respeitada “dando luz a si mesma” - alusão que fazemos à pesquisa de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1998). As pesquisas realizadas centralizam os estudos sobre os sistemas escravistas e também sobre a mobilidade social dos negros no Brasil.

O aumento do interesse no tema “Negro” não representou a quebra do mito da democracia racial, mas contribuiu fortemente para auxiliar a constatação de que brancos e negros não recebem, na sociedade brasileira, tratamento igualitário. Para Carlos Hasenbalg (1992, p.53) a democracia racial é “uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando sérios limites às demandas dos negros por igualdade racial”. O poder do mito da democracia racial decorreria da forte crença na ausência de preconceito e discriminação

racial no Brasil; as desigualdades sócio-econômicas entre brancos e negros são justificadas pela “diferença de classe” entre ricos e pobres. Essa ideologia produziu com eficácia “um senso de alívio entre os brancos, que podem se ver eximidos de qualquer responsabilidade pelos problemas sociais dos negros e mulatos”. (HASENBALG: 1992, p.53).

O crescimento da militância negra sensibilizou pesquisadores, que já tinham nas obras de Fernandes, Bastide e Ianni (anos de 1950 a 1970) indicativos da desigualdade entre brancos e negros. No final da década de 1970, Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle e Silva inauguram um novo marco para os estudos das relações raciais brasileiras (PAIXÃO, sd). Ambos eram pesquisadores do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e introduzem recortes étnicos, quando possível, nas análises sistemáticas de estatísticas e de indicadores nas suas pesquisas, ampliando e complementando, o caráter ensaístico presente nos escritos de Freyre, Bastide, Nogueira, Fernandes e demais pesquisadores da Escola Paulista de sociologia.

A realidade das desigualdades sociais brasileiras passou a ser vista de forma mais objetiva, favorecendo uma ampliação do grau de legitimidade do movimento negro.

Lélia Gonzalez foi co-fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU, 1978). Parceira de Hasenbalg na autoria do livro *Lugar de Negro* (1982) torna-se a intelectual negra mais conhecida do país, apresentando papers em congressos internacionais. Como Nelson do Vale, Gonzalez insere em seus artigos os primeiros indicadores quantitativos para fundamentar as desigualdades étnico-raciais e reivindicar a proposição de políticas específicas à população negra.

Nesse período, as poucas pesquisadoras negras que acessam a universidade passam a escrever sobre a sua condição étnica e de gênero. Helena Theodoro Lopes crítica a sociedade ocidental que “homogeiniza tudo” (LOPES, 1987, p. 38-39), impossibilitando os negros de pensarem sua identidade “como uma coisa única, una”. Neuza Santos de Souza considera a construção de uma identidade negra como “tarefa eminentemente política” (SOUZA, 1983, 77-78). Maria de Lourdes Teodoro escreve sobre identidade, cultura e educação (TEODORO, 1987, 47-48). Ainda na década de oitenta, as mulheres negras optam por sua organização política fora do movimento coordenado pelas mulheres brancas, tal qual ocorrera com as *Women of Color* nos Estados Unidos. Em 1985, na cidade de Bertioga, São Paulo, acontece o III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe (EFLAC). Segundo o informe da organização não governamental CFemea:

O 1º Encontro Feminista Latino-americano e Caribenho aconteceu em 1981, em Bogotá, Colômbia. Estes eram encontros autônomos, autofinanciados e também contando com recursos da cooperação internacional. O objetivo era de agregação de militantes feministas latino-americanas e caribenhas dos mais variados segmentos, promovendo a troca de experiências a respeito das práticas desenvolvidas pelo feminismo, debates, identificação de consensos e desafios, planejamento de ações estratégicas e projetos para o futuro. Em 1985 a cidade brasileira de Bertioga foi sede do 3º EFLAC, que aconteceu entre os dias 31 de julho e 04 de agosto. Participaram mais de 800 feministas da região. A Comissão Organizadora adotou uma metodologia de consulta e escolha democrática da pauta e da própria metodologia do encontro. Nesse processo participativo foram montadas inúmeras atividades simultâneas em diversos espaços de trabalho na sede praieira do SESC, onde ocorreu o encontro. Prevaleram oficinas, manifestações culturais, debates temáticos, performances e comemorações, sem deixar de lado a realização de plenárias. Um tema que se tornou central na pauta foi o da diversidade entre as próprias feministas, além de outros como violência, comunicação e a arte, racismo, trabalho sexual, lesbianidade, relações de trabalho, aborto, autogestão e financiamento.⁷

Dentro do III EFLAG ocorre a articulação das Mulheres Negras para o I Encontro Nacional que acontece em 1988, na cidade de Valença, BA, com 450 participantes de 17 estados. Na dinâmica da vida, a sociedade civil se mobiliza em torno da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Constituição Federal (1988), que passa a ser chamada de Constituição Cidadã.

Gonzalez, sempre atenta aos acontecimentos internacionais observa e formula⁸ o que viria a ser o feminismo negro criticando a incapacidade do recente Movimento Feminista brasileiro, majoritariamente composto por mulheres brancas, oriundas das classes médias, de incorporar, em suas formulações, as especificidades vivenciadas pelas mulheres negras. Em artigo apresentado na Universidade da Califórnia, Gonzalez rebate as críticas feitas por mulheres brancas ao emergente movimento das mulheres negras considerado, “emocional” e “agressivo”, termos empregados pejorativamente. As ‘patroas’ não queriam conversar de igual para igual com as ‘empregadas domésticas’. Porém, as mulheres negras não estavam pedindo permissão. Gonzalez enfatiza a legitimidade da emoção e da agressividade quando existe “uma outra razão”; “uma nova razão” (GONZALEZ, 1979, p.15).

⁷ Ver: https://www.cfemea.org.br/plataforma25anos/_anos/1985.php?iframe=3_o_eflac_bertioga_sp

⁸ Cabe ressaltar que Lélia Gonzalez é ainda hoje, em 2021, referência teórica e ativista às intelectuais afro-americanas, como Angela Davis, Kimberle Crenshaw, Patricia Hill Collins.

Durante a década de noventa, ações educativas de advocacy (MALACHIAS, 2017) foram desenvolvidas dentro da própria comunidade negra e sobretudo fora dela, capacitando ativistas, dos movimentos de mulheres e feministas (distintos entre si por terem agendas diferentes), para a participação política na elaboração de propostas direcionadas às conferências das Nações Unidas - População (1994, no Cairo, Egito); da Mulher (1995, Beijing, China) e contra o Racismo, Preconceito, Xenofobia e Intolerância Correlata (2001, Durban, África do Sul). O ano 1995 celebra o tri-centenário da imortalidade do líder Zumbi dos Palmares e os movimentos negros marcham à Brasília reivindicando a adoção de políticas públicas direcionadas ao combate ao racismo. Em 1996, o governo federal lança o 1º Programa Nacional de Direitos Humanos prevendo a implementação de ações afirmativas de curto, médio e longo prazo.

Na universidade, Maria Aparecida Silva Bento (2002) apresenta suas reflexões sobre o “pacto narcísico” entre as pessoas brancas, que se protegem e fortalecem na experiência da sua branquitude, como lugar de neutralidade e privilégio, que estrutura o racismo.

A formulação de políticas públicas pelos movimentos negros é tema da tese de doutorado de Zélia Amador de Deus (2008), ativista do movimento de mulheres negras do Pará, que inova ao aproximar o mito africano e afrodiaspórico da Aranha Ananse, rainha das histórias, solucionadora de conflitos, aos eventos e conquistas dos Movimentos Negros do Brasil, sobretudo na luta por ações afirmativas e cotas raciais nas universidades.

Sueli Carneiro (2000) escreve sobre processo organizativo da Conferência de Durban contra o Racismo, Preconceito Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata salientando o protagonismo local, regional e global das mulheres negras neste processo.

Lélia Gonzalez (1935-1994) e a historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) falecem precocemente em meados dos anos noventa. A passagem de ambas para o Orum promove uma renovação no ativismo intelectual, visto que jovens mulheres negras que ingressam nas universidades passam a pautar epistemologias que apresentam “uma outra razão, uma nova razão”.

AFRODIÁSPORAS: da Baixada Fluminense para o mundo

Em sua infância e processo de transição à maturidade, o AFRODIÁSPORAS está exercitando os pilares da educação, aprendendo a aprender; aprendendo a conviver; aprendendo a fazer e aprendendo a ser (DELORS, 2000):

espaço de pesquisadores/as universitários/as ou independentes, estudantes, membros de movimentos sociais ou de coletivos da comunidade fluminense interessadas/os em temas como: feminismo negro; mulheres negras; produção cultural, cultura visual e audiovisual que tenham agentes negros como protagonistas; fotografia e cinema negro e africano; processos de escolarização e de acesso ao ensino superior da população negra; pensamento de intelectuais negras/os, sobretudo aquelas/es invisibilizadas/os pela academia tendo como mainstream metodológico a interface Comunicação e Educação nas relações étnico-raciais e de gênero; racismos; estudos de mídia; educomunicação; e práticas de advocacy.⁹

Em 2007, onze anos antes da sua criação nascia o grupo internacional de scholars denominado WLE, fundado durante a *First WLE – Women Leading Education Conference across the Continents* e tendo por objetivo: *To issue and call women from around the world to address issues of social justice, equity, and advancement in K-12 and higher education*¹⁰. Reitoras, docentes, educadoras, ativistas passaram a se reunir bianualmente¹¹ para compartilhar pesquisas, estudos e intervenções sobre mulheres líderes em educação. Na ocasião, esta autora participa do encontro por indicação de um docente da Howard University, mesma instituição afroamericana onde Ruth de Souza estudou nos anos quarenta.

O ingresso como docente da UERJ ocorre anos mais tarde, em 2015 e favoreceu a estruturação de um espaço físico – que se tornaria ativo na virtualidade, durante a pandemia. O AFRODIÁSPORAS passaria a identificar e conceitualizar liderança feminina na educação, pois ao contrário da produção acadêmica dos Estados Unidos e Reino Unido, por exemplo, no Brasil constatamos que o conceito de liderança aparece comumente nos estudos de Administração, Negócios e Religião sendo pouco empregado na Pedagogia.

Em 2017, o AFRODIÁSPORAS foi responsável pela organização da 6th WLE Conference, que trouxe para a Baixada Fluminense, pesquisadoras líderes em educação de onze países. E, nesta altura, já tínhamos identificado lideranças femininas na Baixada

⁹ Ver descrição em < <http://www.promovide.febf.uerj.br/projeto-afrodiasporas.html> >

¹⁰ Tradução livre: “Pautar e chamar mulheres de todo o mundo para abordar questões de justiça social, equidade e avanço no ensino fundamental e médio e superior”. Ler artigo *Women Leading Education Across Continents 8th International Conference* – de 31 de maio de 2021 em <file:///E:/Presentations/SBPJor-2017/QUALITATIVE%20Research-Event%202021/Women%20Leading%20Education%20Across%20Continents%208th%20International%20Conference.pdf>.

¹¹ As conferências WLE aconteceram em Roma, Itália (2007); Augsburg, Alemanha (2009); Volos, Grécia (2011); Apam, Gana (2013); Hamilton (2015), Nova Zelândia; Duque de Caxias (2017), Brasil; Nottingham (2019), Reino Unido e devido à pandemia, a conferência de 2021, agendada para acontecer nas Filipinas, foi transferida para 2022.

Fluminense atuando com potência na educação não formal (GOHN, 2014) e promovendo ações educomunicativas (MALACHIAS, 2018).

Em 2019 esta autora, torna-se docente permanente do PPGEDUC-UFRRJ – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares¹² da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campi Nova Iguaçu e Seropédica, ampliando as pesquisas do núcleo, da graduação (FEBF) para o nível da pós-graduação (Rural). Neste mesmo ano, o AFRODIÁSPORAS participa da 7th WLE Conference na University of Nottingham, UK, com trabalhos de cinco estudantes da graduação. Temas como inclusão de pessoas negras surdas; produção de audiovisual; incidência da violência doméstica entre diretoras da educação básica; epistemologias descolonizadoras e igualdade de gênero na educação infantil foram apresentados.

Considerações finais: ações educomunicativas na Pandemia

Em março de 2020, o distanciamento social imposto pelo período pandêmico interrompeu a continuidade das aulas presenciais na universidade, mas não impediu a ocorrência de novas parcerias entre docentes negras, que desenvolvem projetos em outros núcleos, como o Laroyê Grupo de Pesquisa sobre Infâncias Descolonizadoras da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, coordenado pela Profa. Dra Ellen de Lima Souza; o GEPE - Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação da UFSJ – Universidade Federal de São João del Rei, coordenado pela Profa. Dra. Filomena Bomfim e o NATS/FAMEPP/UNOESTE - Núcleo de Avaliação de Tecnologias em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade do Oeste Paulista, coordenado pela Profa Dra Édima Mattos.

A interface Comunicação, Educação, Saúde, Cultura e Relações Étnico-raciais se complementa com os estudos sobre Branquitude, realizados pela Profa. Dra. Luciene Cecília Barbosa da SME – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo; sobre Políticas Culturais no Brasil e América Latina, pela pesquisadora da UFPR – Universidade Federal do Paraná, Dra. Luiza (Lia) Ferreira; ensino de Matemática e Etnomatemática pela Profa Dra Glória Ramos da UERJ e sobre Formação Docente na Educação Infantil, pela Pedagoga Maria Elisabeth Rosa dos Santos, da Secretaria de Educação de Mauá, SP. A coordenadora do núcleo também atua no IEA-USP, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, no grupo n-Periferias. Esta parceria

¹² Ver descrição em < <http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgeduc/> >

possibilitou a viagem de professoras da rede pública do Rio de Janeiro para os campi da USP no Butantã e zona Leste.

Mantendo sua perspectiva internacional, o AFRODIÁSPORAS participa de pesquisa¹³ comparativa entre o Brasil e a África do Sul, com ênfase na Educação Antirracista como conteúdo da formação de professores/as.

Com este formato, em outubro de 2020, em plena pandemia do Corona vírus, o AFRODIÁSPORAS foi certificado e integrado ao DGP-CNPq - Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

As diferentes pesquisas em curso buscam novas epistemologias, que apresentem críticas às estereotípias racistas e sexistas presentes na comunicação, linguagem, expressão. Neste sentido, a educomunicação surge como método capaz de propiciar a gestão comunicativa de forma democrática nos ecossistemas da universidade, dos espaços não formais de Duque de Caxias e demais municípios da Baixada Fluminense onde as pesquisas ocorrem. Nossos trabalhos não esclarecem; nem clareiam situações, mas escurecem e visibilizam personagens (negras); não norteiam, mas suleam/africanizam e circundam perspectivas ancestrais, apreendidas e vivenciadas politicamente na resistência cultural cotidiana, em geral considerada inadequada e incompreensível.

Sabemos que no Brasil, a participação das mulheres negras como protagonistas de epistemologias ainda é algo novo. As metodologias consideram os saberes pedagógicos propondo diálogos interculturais e políticos na educação, sempre considerando suas interfaces com gênero, religiosidade, comunicação, inclusão e direitos humanos.

As dificuldades que o momento pandêmico apresenta são muitas e se intensificam entre as populações social e economicamente vulnerabilizadas. O acesso das/os estudantes às aulas remotas e reuniões de estudo, nem sempre são possíveis, mesmo com a distribuição de chips e tablets feita pela UERJ. Desemprego, aumento da pobreza e violência urbana contribuem para a ocorrência de quadros depressivos, que se agravam. Ainda assim, a participação em eventos relevantes para a educação e a continuidade das parcerias com outras universidades tem trazido ânimo para a equipe, que tenta incorporar o princípio filosófico Ubuntu – Eu sou porque nós somos – em todas as ações do AFRODIÁSPORAS - Núcleo de Pesquisas sobre Mulheres Negras, Cultura Visual,

¹³ Research Project - Epistemic and aesthetic connections in the training of Brazilian and South African professors for the construction of an anti-racist education / Projeto de Pesquisa: Conexões epistêmicas e estéticas na formação de educadoras(es) brasileiras(os) e sul-africanas(os) para a construção de uma educação antirracista. (USP-UNIFESP-UERJ-PPGEDUC-UFRRJ e Western Cape) – apoio: FAPESP e NRF/South Africa.

Política e Educomunicação em Periferias Urbanas. As mulheres negras que nos antecederam, algumas na ancestralidade, permanecem presentes no cotidiano, por seus ensinamentos deixados em textos, vídeos, ainda atuais para a formulação de uma educação antirracista.

Referências bibliográficas

- BAIROS, L. Lembrando Lélia Gonzalez. Revista Afro-Ásia, n. 23, p. 1-21, 2000. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990/13591> Acesso em 05 de janeiro de 2020.
- BASTIDE, R e FERNANDES, F. - Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo, São Paulo, Anhembi, 1955.
- BENTO, MAS - Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>
- BRASIL – CNE - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Brasília, DF, outubro de 2005.
- CARNEIRO, S – A Batalha de Durban – Revista Estudos Feministas, 2000^a. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/m7m9gHtbZrMc4VxnBTKMXxS/?format=pdf&lang=pt>
- CARNEIRO, S - A organização nacional das Mulheres Negras e as perspectivas políticas. In: Cadernos Geledès no. 4. São Paulo, Geledès Instituto da Mulher Negra - Programa de Comunicação, nov./1993.
- COLLINS, P.H. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, v.31, n. 1, p. 99-127 jan./abr., 2016. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p.171-188, 2002.
- CUTI, L S. (Org.) - E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1992.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan – Transdisciplinaridade. São Paulo, Palas Athena, 1997.

- DAVIS, A – Mulheres Raça e Classe. Tradução do original em inglês Women, Race & Class (Nova York, Random House, 1981; Vintage, 1983). São Paulo, Boitempo, 2016.
- DELORS, J, Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrázio. Brasília/São Paulo: MEC/UNESCO/Cortez, 4ª ed., 2000.
- DEUS, ZA – Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade. Tese de Doutorado, UFPA, 2008.
- FREYRE, G – Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro/Brasília, INL-MEC, 1980, 20ª edição.
- GOMES, JD - Os Segredos de Virgínia: Estudo de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955) - Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- GOHN, MdG Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. In: Revista Investigar em Educação, Portugal – 11ª série, número 1, 2014.
- GONZALEZ, L e HASENBALG, Carlos A. - Lugar de Negro, Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.
- GONZALEZ, L - Cultura, Etnicidade e Trabalho. Efeitos lingüísticos e políticos da exploração da Mulher Negra. Comunicação apresentada no 8º. Encontro Nacional da Latin american Studies Association, Pittsburg, 5 a 7 de abril de 1979.
- HANCHARD, M – Fazendo a exceção: narrativas de igualdade racial no Brasil, no México e em Cuba. In: Estudos Afro-Asiáticos (28):203-17, outubro de 1995.
- LIGHTFOOT, S.L. *Reflections on Portraiture: A Dialogue Between Art and Science*. Qualitative Inquiry, v. 11, n. 1, p. 3-15, 2005.
- LOPES, HT – Educação e Identidade. In: Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas”Raça Negra e Educação”, São Paulo, Fundação Carlos Chagas no 63, novembro, 1987.
- MALACHIAS, R; LAUDINO LAL; BALBINO, TCS - *Black Women Leading Education for Social Justice in the Region of Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro, Brazil. PERSPECTIVE article - Front. Educ., 23 July 2020 | <https://doi.org/10.3389/feduc.2020.00085>
- MALACHIAS, R. Mulheres líderes em Educação. Da Baixada Fluminense para o mundo. Interfaces Brasil/Canadá, v. 18, n. 3, p. 13-27, 2018.
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/14553>

MALACHIAS, R – *Communicative Actions. Brazilian Women in Educational Leadership*. In: *Women Leading Education Across the Continents – Sharing the Spirit, Fanning the Flame*. Edited by Helen C. Sobehart foreword by Charles Dougherty. Lanham, New York, Toronto, Plymouth, UK, American Association of School Administrators, 2009, 230pp.

NASCIMENTO, A - Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. In: *Cultura • Estud. av.* 18 (50) • Abr 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100019>

PECHIM, L - Negros morrem mais pela covid-19 - Pretos e pardos também têm mais chance de ser infectados e correm maior risco de hospitalização. In: *Faculdade de Medicina – UFMG – 24 de novembro de 2020*. <https://www.medicina.ufmg.br/topicos/populacao-negra/>

SCHECHTER, RC & VIDA, EV – O apagamento de Virgínia Leone Bicudo e seus Trabalhos Sociológicos. *Revista Transversos*. Rio de Janeiro, n. 20, dez. 2020. In: <file:///C:/Users/rosma/OneDrive/Documentos/ARTIGOS/Virginia%20Leone%20Bicudo.pdf> [Acesso em 15/6/2021].

SILVA, PBG – Chegou a hora de darmos luz a nós mesmas. In: *Cad. CEDES* 19 (45) • Jul 1998 • <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000200002> [acesso em 06 de junho de 2021]

SOUZA, NS de – *Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983, 1ª edição.

TEODORO, MdL – *Identidade, Cultura e Educação*. In: *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas "Raça Negra e Educação"*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas nº 63, novembro, 1987.

WOORTMANN, K. - *A Família das Mulheres*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1987.